



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS -LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**JOYCE SOUZA DO NASCIMENTO**

**VOZES QUE AINDA PULSAM: UM OLHAR PARA AS FESTAS  
RELIGIOSAS TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE INGÁ-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

JOYCE SOUZA DO NASCIMENTO

**VOZES QUE AINDA PULSAM: UM OLHAR PARA AS FESTAS  
RELIGIOSAS TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE INGÁ-PB**

Trabalho de Conclusão de  
Curso (Artigo) apresentado a  
Coordenação do Curso de  
Letras-Português da  
Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial  
à obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Vieira da  
Nóbrega

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244v Nascimento, Joyce Souza do.  
Vozes que ainda pulsam [manuscrito] : um olhar para as festas religiosas tradicionais no município de Ingá-PB / Joyce Souza do Nascimento. - 2023.  
41 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC. "

1. Tradição religiosa. 2. Memória. 3. Festas populares. I.  
Título

21. ed. CDD 306.48



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

### FOLHA DE APROVAÇÃO

JOYCE SOUZA DO NASCIMENTO

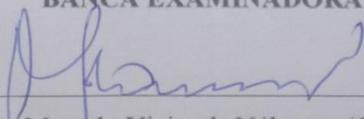
VOZES QUE AINDA PULSAM: UM OLHAR PARA AS FESTAS RELIGIOSAS  
TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE INGÁ-PB

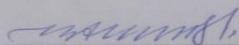
Trabalho de Conclusão de Curso em  
Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Graduado  
em Licenciatura Plena em Língua  
Portuguesa.

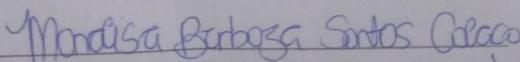
Área de concentração: Linguística

Aprovado em: 01/12/23.

#### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Monalisa Barboza Santos Colaço  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela dedicação,  
companheirismo e incentivo,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sua misericórdia, amor e sustento durante toda essa jornada.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela oportunidade ofertada.

Ao Prof.º Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega pelas leituras sugeridas e apoio no decorrer dessas orientações .

À minha mãe, Maria José da Silva Souza, por todo suporte, apoio e incentivo que foram imprescindíveis para a conclusão do curso.

À minha tia, Rita Maria Freire da Silva Almeida, por sempre acreditar em meu potencial e sempre está ao meu lado.

À minha tia, Mércia da Silva Souza Teixeira por todo suporte prestado nesses anos.

Ao meu estimado amigo Jefferson dos Santos Silva por ter me acompanhado nesse processo e ter me apoiado incondicionalmente.

À minha cara amiga Júlia de Souza Silva pelo auxílio e incentivo em todo o percurso.

Ao meu prezado amigo João Batista Nascimento Ribeiro pela força prestada em todos os momentos.

A todos que de alguma forma contribuíram para que essa conquista fosse possível.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do município de Ingá, Paraíba, Brasil.....	9
Figura 2– Quadro 1- Estado da arte dos principais conceitos.....	13
Figura 3– Quadro 2- Perfil dos colaboradores.....	14
Figura 4– Print de manifestação contrária a aprovação da lei nº24/2023.....	30
Figura 5 – Print da mensagem de um ingaense se manifestando contra o posicionamento dos vereadores.....	30
Figura 6 – Post reivindicando o veto da lei nº24/2023 .....	30
Figura 7 – Manifestação de integrante do grupo.....	31
Figura 8 – Relato de recordação de integrante do grupo.....	31
Figura 9 - Abertura da sessão nostalgia no grupo .....	32
Figura 10- Manifestação de integrante do grupo.....	32
Figura 11- Post denunciando a dificuldade em manter diálogo com os vereadores.....	34
Figura 12- Quadro 3-Transcrição de áudio da afirmação do proponente da lei, que circulava em aplicativo de mensagens.....	34

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
2	<b>INGÁ: CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO</b> .....	9
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	13
5	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	15
5.1	<b>O fulgor, a imponência e a resistência de uma festa: o desafio de preservar a Festa do Rosário através dos anos</b> .....	15
5.2	<b>Do apogeu ao esquecimento: vislumbrando a Festa de São Sebastião através das memórias dos ingaenses</b> .....	23
6	<b>A TRADIÇÃO EM RISCO: O DESMANTELAMENTO DA FESTA DO ROSÁRIO ATRAVÉS DO PROJETO DE LEI MUNICIPAL Nº24/2023</b> .....	29
7	<b>CONCLUSÃO</b> .....	35
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
	<b>ANEXO A – PROJETO DE LEI Nº24/2023</b> .....	37
	<b>ANEXO B - PETIÇÃO PELA PERMANÊNCIA DA TRADICIONAL FESTA DE OUTUBRO EM SEU LOCAL ORIGINAL E COM MELHORIAS</b> .....	39

## VOZES QUE AINDA PULSAM: UM OLHAR PARA AS FESTAS RELIGIOSAS TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE INGÁ-PB

### VOICES THAT STILL PULSE: A LOOK AT THE TRADITIONAL RELIGIOUS FESTIVITIES IN THE CITY OF INGÁ-PB

Joyce Souza do Nascimento<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo objetiva investigar de que forma e em que níveis as tradicionais Festas religiosas católicas de São Sebastião e do Rosário, realizadas na cidade de Ingá-PB, vêm se ressignificando na contemporaneidade. Para os objetivos específicos pretende-se: a) construir novas fontes de informações acerca da cultura religiosa da cidade de Ingá (PB), através dos conceitos de religião e ritos de Durkheim (1989); de cultura, propostos por Lévi-Strauss (1950); para as perspectivas de memória, recorre-se a Halbwachs (1990); para as de festas, Bergamasco e Levandovski (2009); para as de ritual, Martins (2002); as de tradição, Chianca (2018); b) analisar as possíveis causas das relações de apagamento e/ou invisibilidade que ocorrem nas tradições populares desses eventos religiosos, através dos relatos dos moradores; e c) diagnosticar os possíveis efeitos decorrentes dos apagamentos já mencionados. Diante disso, utilizou-se a pesquisa qualiquantitativa na qual foram entrevistadas oito pessoas de diferentes faixas etárias e profissões, buscando refletir através de suas vozes, as memórias, impressões, experiências e pontos de vista sobre as duas festas tradicionais religiosas aqui apresentadas. Este estudo concluiu que a revisitação as tradições e a ressignificação das festas abordadas são necessários para a manutenção da cultura local. Conclui-se, portanto, que os relatos orais e memórias dos moradores são essenciais para a conservação da identidade cultural e tradições da cidade.

**Palavras-Chave:** Tradição religiosa; memória; (in)visibilidade; Festas do Rosário e São Sebastião.

#### ABSTRACT

This article aims to investigate how and at what levels the traditional Catholic religious Festivals of São Sebastião and Rosário, held in the city of Ingá-PB, are being re-signified in contemporary times. For the specific objectives, we intend to: a) construct new sources of information about the religious culture of the city of Ingá (PB), through Durkheim's (1989) concepts of religion and rituals; Lévi-Strauss's (1950) proposals for culture; Halbwachs's (1990) perspectives on memory; Bergamasco and Levandovski's (2009) views on festivals; Martins's (2002) ideas on ritual; and Chianca's (2018) approach to tradition; b) analyze the possible causes of the relationships of erasure and/or invisibility that occur in the typical popular

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português- Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

traditions of these religious events, through the accounts of the city's residents; and c) diagnose the possible effects resulting from the aforementioned erasures. Therefore, a quali-quantitative research was used in which eight people of different age groups and professions were interviewed, seeking to reflect through their voices the memories, impressions, experiences, and viewpoints on the two traditional religious festivals presented here. This study concluded that revisiting traditions and re-signifying the addressed festivals are necessary for the maintenance of local culture. It is concluded, therefore, that the oral accounts and memories of the residents are essential for the preservation of the cultural identity and traditions of the city.

**Keywords:** Religious tradition; memory; (in)visibility; Festivals of Rosário and São Sebastião.

## 1 INTRODUÇÃO

A voz, enquanto expressão viva do pensamento e do sentimento humanos, manifesta-se no cotidiano sob diferentes, complexas e inumeráveis possibilidades de manifestação. Nascemos do sopro, do movimento, no (do) grito humano; falamos sempre, escrevemos pouco. Quer seja na variante culta, informal, técnica, ou quaisquer outros mecanismos de expressão da fala humana. É fato que a oralidade quase que imediatiza tudo. Seus efeitos se manifestam quase sempre de forma instantânea. Nas artes performáticas, sobretudo - teatro, cinema, palestras, poesia, conversas cotidianas nos diferentes suportes midiáticos, etc - o poder da oralidade se perfaz nas relações entre os interlocutores de maneira instantânea. Com efeito, nas culturas de tradição oral, as chamadas culturas populares, é fundamental trazer à tona a força dessas vozes. Daí a importância da tradição e da memória. Este trabalho delimita-se na investigação de algumas destas vozes que aborda as festas religiosas da cidade de Ingá (PB): as Festas de São Sebastião e do Rosário, quase sempre esquecidas historicamente.

A festa de São Sebastião homenageava o santo católico padroeiro contra a peste, fome e guerra, no entanto, a partir dos anos 90, essa celebração entrou em declínio e a parte profana acabou sendo extinta, restando apenas a parte religiosa, mas que, também, com o passar dos anos, tornou-se uma celebração comum.

Já a festa do Rosário (também chamada de Festa de Outubro), que homenageia Nossa Senhora do Rosário, co-padroeira da cidade, continuou sendo realizada, mas tendo sua parte profana suprimida por alguns anos e sendo ressignificada a partir de 2019, quando um novo Padre assumiu a paróquia e decidiu trazer de volta essa tradição. A falta de maiores informações sobre as festas desencadeou as seguintes questões: Quais tradições foram perdidas e quais mudanças ocorreram ao longo dos anos nelas? Como os relatos orais podem ressignificar essas tradições? Qual a importância dos relatos dos moradores para que essas tradições se mantenham vivas?

Esta pesquisa originou-se a partir da inquietação desta pesquisadora, que é moradora da cidade, ao lembrar como a Festa de Outubro marcou sua infância, além de tomar ciência de uma festa extinta semelhante a esta - a Festa de São Sebastião. As pesquisas em diversos repositórios apontaram para a inexistência de pesquisas que tratassem dessas festas.

Esta pesquisa, de natureza exploratória e quali-quantitativa, se propõe como

objeto a uma investigação acerca do processo de ressignificação e/ou apagamento ocorrido nas festas religiosas de São Sebastião e do Rosário, nesta cidade de Ingá (PB). Com efeito, apresenta relevância e pertinência porque traz à tona a importância da força da voz da população; reacende a memória coletiva religiosa apagada; proporciona aos moradores uma nova possibilidade de compreenderem o seu passado e suas histórias.

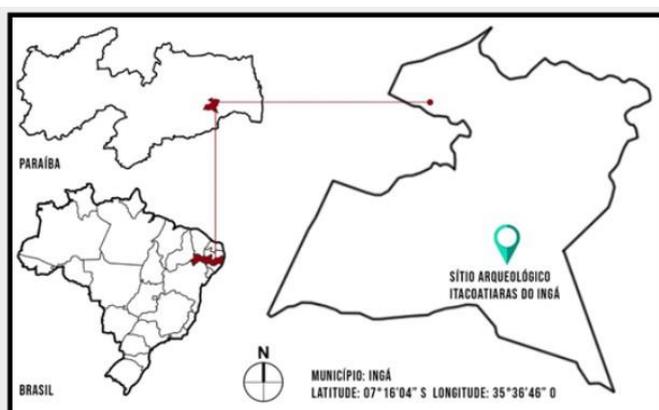
Os relatos orais buscam manter viva as tradições, os costumes e as manifestações culturais de um povo ou comunidade. Este estudo objetiva, portanto, investigar de que forma e em que níveis os festejos religiosos tradicionais (do Rosário e de São Sebastião) da cidade de Ingá-PB vêm se ressignificando na contemporaneidade. Com efeito, para os objetivos específicos, pretende-se: 1) Construir novas fontes de informações sobre a cultura religiosa da cidade de Ingá (PB), através dos conceitos de festas, tradição, cultura, religião, ritos, rituais e memória; 2) analisar as possíveis causas das relações de apagamento e/ou invisibilidade que ocorrem nas tradições populares típicas desses eventos religiosos através dos relatos dos moradores; e 3) diagnosticar os possíveis efeitos decorrentes dos apagamentos já mencionados.

Este trabalho é dividido em 6 seções, sendo a primeira delas a introdução que apresentou a problemática, justificativa, objetivos e relevância deste trabalho. A seção 2 contextualiza os aspectos históricos e geográficos do município de Ingá. Na seção 3 estão postulados os conceitos teóricos utilizados nesta pesquisa e na seção 4 está relatada a metodologia utilizada. A seção 5 apresenta a análise das entrevistas a partir dos conceitos teóricos adotados para esta pesquisa. E, por fim, a seção 6 discorre sobre o Projeto de Lei Nº 24/2023 elaborado pela Câmara Municipal de Ingá (PB) e que afeta diretamente a Festa do Rosário, um dos objetos de análise deste trabalho.

## 2 INGÁ: CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Ingá é uma cidade localizada no agreste da Paraíba que fica a aproximadamente 95,6 km de distância da capital do Estado e segundo dados do IBGE ( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) possuía no último censo, em 2022, cerca de 17.692 habitantes. Abaixo, o mapa indicando a localização geográfica da cidade do Ingá.

**Figura 1-** Localização do município de Ingá, Paraíba, Brasil



Mapa 1  
Localização do Município de Ingá, Paraíba, Brasil  
IBGE, 2017

**Fonte:** Redalyc-Base de dados bibliográficos da UNAM

É internacionalmente reconhecida por abrigar em seu território as inscrições rupestres conhecidas como *As Itacoatiaras do Ingá*, também chamadas de Pedra Lavrada ou Pedra do Ingá, além de também possuir um sítio arqueológico e um Museu de História Natural. Muitos estudos já foram e continuam sendo realizados em torno deste monumento. Estudantes e pesquisadores locais, nacionais e internacionais, realizam inúmeras pesquisas sobre esse monumento arqueológico para tentar desvendar o que as inscrições significam, além de abordarem sua importância arqueológica, histórica, turística, geográfica e ambiental.

É indiscutível a importância deste Patrimônio para esse município, no entanto é possível observar que a cidade também é rica culturalmente, apresentando festas religiosas tradicionais como a Festa das Rosas, a Festa do Rosário e a (já extinta) Festa de São Sebastião, danças de Ciranda, sendo a mais popular a Ciranda de Dona Baíca. Ainda é possível citar o esporte Argolinha, a cultura quilombola presente no Quilombo de Pedra d'água e as Cavalgadas. No entanto, o aspecto cultural é pouco explorado e vem se perdendo ao longo dos anos. Nesse contexto, o presente trabalho propõem-se a abordar um desses aspectos culturais imateriais, sendo eles as duas festas tradicionais religiosas aqui já citadas e que marcavam o calendário da população ingaense.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho tem como aporte teórico os conceitos de religião e ritos de Émile Durkheim (1989); de cultura, propostos por Lévi-Strauss (1950). Por sua vez, para as perspectivas de memória, recorre-se a Halbwachs (1990); para as de festas, Bergamasco e Levandovski (2009) a partir de análises das obras de Mauss, Lévi Strauss e Durkheim; para as de ritual, Martins (2002); tradição, Chianca (2018). Por fim, Ferreira (2017), contribui com informações pertinentes sobre a Festa do Rosário no Ingá.

As festas aqui abordadas, apesar de se constituírem de sua parte profana, são primordialmente comemorações do calendário da religião católica e que foram incorporadas ao calendário de festas da cidade. Assim, é possível observar a influência e força da religião católica como elemento de coesão social na sociedade ingaense.

Nesse sentido, para Durkheim (1989) a religião é uma representação da sociedade, uma forma de coesão social que reforça alguns valores da sociedade e impede sua desintegração. Ele afirma que a religião:

[...] é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois, ao mostrar que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. (Durkheim *apud* Bitun; Souza Neto, 2012, p.69).

Assim, a religião é um fato social que contribui para a constituição da consciência coletiva, além de servir como uma régua moral para aqueles que a seguem.

Nesse contexto, as festas aparecem como uma forma de reforçar a unidade do grupo religioso. São manifestações que estreitam os laços sociais e renovam os vínculos diversos daquele grupo. Elas apresentam não só um caráter religioso, mas também trazem aspectos econômicos, artísticos e lúdicos. Além disso, as festas carregam elementos míticos ligados ao sagrado, seja na sua origem ou em seus objetivos, mas também ligados ao profano, pois, durante esse período, as obrigações cotidianas são suspensas e algumas regras podem ser quebradas. Bergamasco e Levandovski (2009) citam a definição trazida por Callois (1979):

[...] na sua forma mais plena, a festa deve ser definida como paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo. Ela é o seu ponto culminante, não só do ponto de vista religioso como do ponto de vista econômico. É o instante da circulação das riquezas, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas. Ela aparece como fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera no seu ser: o grupo regozija-se então com os nascimentos sobrevividos, que provam a sua prosperidade e asseguram seu futuro. Ele recebe no seu seio estes novos membros através da iniciação, que funda o seu vigor. Despede-se de seus mortos e afirma-lhes solenemente a sua fidelidade. É ao mesmo tempo a altura que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam as diferentes classes sociais e em que, nas sociedades de fraternias, os grupos complementares e antagônicos se confundem, atestam a sua solidariedade e fazem colaborar na obra de criação os princípios místicos que eles encarnam e que habitualmente se tem o hábito de não misturar. (CAILLOIS *apud* Bergamasco e Levandovski, 2009, p.10)

Desta forma, as festas são um elemento de afirmação e renovação da coesão social daquela comunidade que acontece não só com a presença do grupo social, mas com a participação efetiva nos ritos e rituais. Os ritos, por sua vez, estão relacionados às ações simbólicas realizadas dentro dos rituais. Segundo Durkheim :

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. ( Durkheim, 1989, p.38).

Deste modo, os ritos servem como um meio de manter ou renovar valores que aqueles grupos participantes acreditam.

Já os rituais, em específico, os religiosos, podem ser entendidos como cerimônias realizadas para evocar o divino em ocasiões significativas na vida dos participantes como: nascimento, casamento, morte, entre outros. São carregados de ideias, simbolismos e sentimentos. O Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996, p.673) define que esses elementos são representados “através de cenas, atos e palavras simbólicas que reúnem idéias diversas” e que um único símbolo pode ter múltiplas representações e significados. Um exemplo disso é a comemoração da Páscoa que tem significados diferentes para os judeus e para os cristãos. Enquanto os primeiros comemoram lembrando a libertação de Israel da escravidão no Egito, os cristãos comemoram a ressurreição de Jesus Cristo. Ainda em se tratando dos rituais, Martins (2002) afirma que:

A ritualização é um processo que implica a encarnação de símbolos, associações simbólicas, mediante gestos, ações que signifiquem sentido especial para quem os pratica num dado contexto. Os rituais, como formas

plenas de significado, possibilitam que os atores sociais marquem, negociem e articulem sua existência fenomenológica como seres sociais. (Martins, 2002, p.124)

Deste modo, é possível afirmar que as missas, procissões, celebrações e novenas que aconteciam nas Festas de São Sebastião e do Rosário são os rituais; já os ritos se manifestam nas ações realizadas dentro deles como, por exemplo, as rezas e contagem do terço antes do início das comemorações.

As festas, seus ritos e rituais tratados neste trabalho pertencem a cultura e fazem parte da tradição do povo ingaense.

Por outro lado, pensa-se cultura como o conjunto de características que identificam determinado povo ou comunidade a partir de sua forma de organização social. Essas características envolvem a religião, a língua, a política, a economia e as tradições. Lévi Strauss declara que:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. (Lévi-Strauss, 1950, p.19)

Desta forma, a cultura se constitui nos mais diversos aspectos das populações. Cabe ressaltar que é dinâmica, não é engessada e se transforma no decorrer do tempo. No caso das festas aqui analisadas, é um traço cultural do âmbito religioso que se submeteu a algumas alterações ao longo dos anos, porém o apagamento de uma dessas comemorações pode significar a perda de um elemento cultural importante dessa população.

Já a tradição, do latim, *traditore* – passar adiante - está relacionada a costumes oriundos no passado, que são transmitidas de geração em geração e podem ter um caráter sagrado. Albernaz (2009, apud Chianca, 2018,p.135) afirma que a tradição refere-se a “um conjunto de significados, símbolos e sentidos configurados de uma dada maneira, resultado da negociação sobre o que deve permanecer ao longo do tempo e aquilo que deve ser esquecido”. As festas abordadas nessa pesquisa são aspectos tradicionais da cultura do povo ingaense, pois se originaram em costumes de antepassados. A Festa do Rosário, por exemplo, teve sua origem na tradição dos escravos que habitaram a cidade (Ferreira, 2017) e tornando-se mais popular do que a festa da própria padroeira<sup>2</sup> da cidade (pois esta última era destinada à elite do município), se consolidou como traço permanente no decorrer do tempo.

Assim, para se preservar as tradições, é necessário se recorrer à memória. Para Halbwachs (1990) as lembranças coletivas reconhecem e reconstroem acontecimentos que ocorreram em um dado contexto na qual o indivíduo estava envolvido afetivamente com a comunidade em que os fatos aconteceram, o que marca a memória, e lhe dá significância e consistência a ela. Segundo Ecléa Bosi (1979, p.18) “O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.” Assim através das vozes e das memórias dos entrevistados será possível revisitar e ressignificar as tradições

---

<sup>2</sup> A padroeira da cidade é Nossa senhora da Conceição, porém Nossa Senhora do Rosário é comemorada com mais vigor, devido a origem histórica e problemas internos que aconteceram na paróquia.

de duas das festas religiosas da cidade do Ingá.

#### 4 METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa, de base quali-quantitativa, com fortes traços etnográficos, bibliográfica e documental, se constituirá de relatos de moradores residentes na cidade de Ingá (PB), coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, nas quais analisaremos as impressões dos colaboradores de diferentes faixas etárias, acerca das referidas festas, seus conhecimentos, memórias e impressões. Ademais, investigamos, nestes relatos, seus sentimentos em relação à importância destas festas na preservação e/ou manutenção dessa cultura.

Inicialmente, levantou-se quais pesquisas existentes já utilizavam os principais conceitos presentes neste trabalho. Tal estado da arte realizou-se em plataformas como o Google Acadêmico e em repositórios de universidades brasileiras. O quadro abaixo apresenta um recorte das pesquisas encontradas nas plataformas acadêmicas.

**Quadro 1- Estado da Arte dos principais conceitos**

ANO	TÍTULO	AUTORIA	PALAVRAS-CHAVE
2018	A Autenticidade das Tradições e da Cultura Local na Valorização da Experiência Turística: O Caso da Festa da Senhora D'agonia em Viana do Castelo	Andreia Daniela Cunha Ferreira	Tradições
2015	Dezesseis de julho: festa, memórias e vivências na cidade Borda da Mata-MG	Cleyton Antônio da Costa	Festa, Memória
2018	Apresentação do dossiê: Festas, Espetáculos e Patrimônios	Luciana Chianca	Festa
2007	Cultura e memória: a festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis MG	Andrea Silva Domingues	Cultura, Memória, Festa
2008	Devoções, Festas e Ritos: Algumas considerações	Edilece Souza Couto	Festa, Ritos
2012	Ritos e rituais	Borres Guilouski	Rituais, Tradições
2018	Religião como cultura? As festas do Divino, o tambor de mina e o regime patrimonial	João Leal	Religião, Cultura, Festa

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023

Assim, foi possível observar que os conceitos investigados aparecerem

fortemente relacionados entre si, principalmente quando estão atrelados às festas. Além disso, também foi possível constatar a existência de pesquisas que também abordam festas religiosas tradicionais de diferentes municípios do Brasil. Um dos trabalhos encontrados que mais chamou a atenção foi *Cultura e memória: a festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis MG*, pois tem uma proposta semelhante à pesquisa aqui desenvolvida. O trabalho sobre a Festa do Rosário em Silvianópolis discorre sobre essa tradição cultural, utilizando a história oral para se refletir acerca das experiências dos participantes nessa comemoração, situação que vai ao encontro desta pesquisa: refletir sobre as memórias e tradições da população nas festas de São Sebastião e do Rosário na cidade de Ingá (PB).

Após este levantamento, passou-se à elaboração das perguntas e escolha dos colaboradores. Entrevistaram-se oito pessoas de faixas etárias entre 21 e 71 anos. Apesar das perguntas utilizadas terem sido desenvolvidas previamente, conforme os colaboradores apresentavam as informações e percepções sobre as festas, outras questões que eram pertinentes mediante as colocações deles foram sendo acrescentadas no momento da entrevista. O quadro abaixo mostra o perfil dos entrevistados.

**Quadro 2 - Perfil dos Colaboradores**

<b>Colaborador</b>	<b>Idade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Religião</b>
A	58	Ingá-Zona urbana	Aposentada	Católica
B	73	Natuba-Zona Rural	Aposentada	Católica
C	72	Sítio Quirino-Zona Rural	Aposentada	Católica
D	71	Itabaiana-Zona Urbana	Aposentada	Católica
E	21	Campina Grande - Zona Urbana	Estudante de Ciências Sociais	Católica não praticante
F	32	Campina Grande-Zona Urbana	Professor de Geografia	Católica
G	59	Aroeiras-Zona Rural (reside na cidade de Campina Grande atualmente)	Professora de História Geral e História do Ingá	Católica
H	50	Campina Grande-Zona Urbana (reside na cidade de Ingá há mais de 30 anos)	Professora de História Geral e História do Ingá	Evangélica

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2023

A opção de realizar as entrevistas com pessoas de diferentes faixas etárias e profissões justifica-se pela tentativa de abranger a maior quantidade de informações

e de múltiplos pontos de vista sobre o tema abordado. Foram escolhidos algumas pessoas com mais de 50 anos, os quais apresentam memórias mais antigas das festas. Também foram entrevistadas pessoas mais jovens entre 21 e 32 anos que conheceram as suas versões mais atuais, mas não alcançaram e nem tinham conhecimento sobre a festa de São Sebastião. Além disso, foram contatadas duas professoras que lecionam a matéria de História do Ingá na cidade para investigar a quais narrativas as professoras têm acesso e a disponibilidade de material que as escolas apresenta para as aulas de história local.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentam-se os resultados das entrevistas. Inicialmente, serão apresentados os depoimentos acerca da Festa do Rosário e suas respectivas análises. Em seguida, será realizado o mesmo procedimento com os depoimentos sobre a Festa de São Sebastião.

### 5.1. O fulgor, a imponente e a resistência de uma festa: o desafio de preservar a Festa do Rosário através dos anos

Segundo Ferreira (2017), a Festa do Rosário é originária no século XIX na tradição dos escravos que habitaram a cidade, responsáveis também por construir a igreja de Nossa Senhora do Rosário, co-padroeira da cidade. Essa festa atravessou gerações e passou por diversas mudanças até chegar ao formato atual, sendo até mesmo suprimida por um período de 10 anos. Essa análise irá investigar como era realizada, as tradições e costumes, mas também alguns dos principais acontecimentos que afetaram esse evento ao longo dos anos. Na próxima seção, discutiremos sobre o projeto de lei nº 24/2023 aprovado esse ano na Câmara Municipal de Ingá e que provocou consequências diretas na festa.

Sobre a realização da festa antes dos anos 2000 a colaboradora A afirmou que:

*Tinha muita animação, tinha a parte religiosa, mas tinha também a parte profana. Tinha pavilhão que era uma barraca grande armada no meio da rua e coberta, um lado era azul e o outro vermelho. Ai umas moças vestidas com um uniforme, um azul e outro vermelho saía no meio da festa e pegava os rapazes e trazia pra colocar eles dentro dos cercados que tinha e só podia sair se pagasse. A igreja era responsável por quase toda a festa, né? Ai tinha...sempre era contratada uma banda para tocar no clube e as pessoas pagavam para entrar. E tinha o bar também, no clube, que era de vender as bebidas. Tudo aquilo para arrecadar dinheiro para a igreja. Ai tinha o parque de diversão. Tinha esse pavilhão também, era do pessoal da igreja, que sempre organizava e trabalhava. Toda essa arrecadação era tudo da igreja.*

Em seguida, ela destaca que o ápice da festa era no último final de semana do mês de outubro e que mesmo as pessoas as quais já não moravam mais na cidade voltavam para participar:

*A festa em si mesmo, a festa verdadeira, era dois dias: o sábado e o*

*domingo. Os últimos... o último final de semana do mês de outubro. Era a festa em si, né? Porque no meio da semana ficava... funcionavam os parques, tinha as celebrações na igreja, como tem hoje, né? E o parque... agora, a festa mesmo, os dias da festa, que muita gente... quando vai ser a festa? Vai ser dia tal. Aí vinha gente de João Pessoa, de Campina, de Recife, pessoas que moravam fora, mas nunca perdía a festa aqui. Era o dia D. Aí, aqueles dois dias, os dias da festa mesmo, era o sábado e o domingo. E era...tinha tudo isso.*

É possível verificar nessas declarações a tamanha importância do evento para os ingaenses, pois programavam suas agendas para estarem presentes nele. Esse espaço especial no calendário se deve, segundo Bergamasco e Levandovski (2009), à ruptura com os dias ditos normais e são também um período de descanso nos quais a monotonia e obrigações do dia a dia ficam suspensas. Também se percebe no relato uma tradição já não mais existente, o Pavilhão, uma prática que se perdeu ao longo dos anos. Perguntada sobre como acontece a festa atualmente ela responde:

*Hoje é totalmente diferente, hoje eu já nem vou mais a festa... nem sei mais como é que funciona só sei que a parte da religião sempre tem todo ano né? Só que a da rua tá muito diferente porque...tem ano que nem vem quase parque pra cá. O povo não se empolga mais como era antigamente porque todo mundo fazia uma roupa nova pra ir pra festa... era aquela coisa, mesmo, aquela euforia, assim eu acho muito diferente a de hoje.*

Quando foi questionada sobre os anos de supressão dos festejos a colaboradora afirmou que:

*Teve uma época que não aconteceu mais essa... foi suspensa essa festa. Foi. Eu acho que foi... não sei se foi o Antigo Padre<sup>3</sup>. Foi a partir do padre, né? Parece que foi. A partir dele foi que ele disse que essa festa era levada para o...o profano. Aí, ele tirou mais e levou mais pro lado religioso. Aí, com a entrada do Novo Padre... Agora, acho que ele tá tentando resgatar, né? As coisas de antigamente. Não é tudo do jeito que era, mas eu acho que tá... Ele tá tentando melhorar. Animar um pouco mais.*

Aqui é possível observar que o clérigo responsável pela pausa da festa não levou em consideração a cultura e tradição que a Festa do Rosário carrega. Ele interpretou a parte profana como algo de menor importância, fazendo com que levasse a supressão e conseqüente enfraquecimento da coesão social daquela comunidade religiosa. A festa funciona como elemento de renovação e reafirmação daquela coletividade, pois serve como meio de manutenção da coesão social. Segundo Durkheim (1989) essa coesão impede a desintegração da sociedade, pois reafirma os valores incorporados por ela. E a influência daquela comunidade dentro da sociedade só acontece ao se manifestar em atos efetivos. Para isso, os indivíduos pertencentes devem estar unidos e é a força coercitiva que possibilita essa unidade. Assim, ao suprimir um elemento importante para a manutenção dessa força, o grupo fica enfraquecido.

Também se nota, a partir do depoimento, uma clara diferença entre as compreensões dos dois padres: enquanto um desconsiderou alguns aspectos, o

---

<sup>3</sup> Optou-se por substituir os nomes dos padres citados na entrevista por uma outra forma de identificação, para evitar a exposição dos mesmos. Assim, o padre que iniciou a supressão da festa será chamado de Antigo Padre e o padre responsável por seu retorno será chamado de Novo Padre.

outro reconhece a importância de realizar a festa em sua plenitude e reconhece o valor identitário para a cultura da cidade. Lévi-Strauss (1950) pontua que a cultura é constituída de sistemas simbólicos nos quais a religião é um deles. A Festa do Rosário se constitui um símbolo religioso e, portanto, cultural da cidade do Ingá. Ao ter sua parte dita profana suprimida, é perdida uma parte do ritual daquela simbologia, pois nesse caso o profano serve de complemento ao sagrado. Logo, quando se é retirado, a festa acaba sendo descaracterizada, fazendo com seja perdido também um traço cultural.

A colaboradora B quando perguntada sobre a Festa do Rosário afirma:

*A festa era muito boa. Muito animada, muita gente. Tinha pavilhão, tinha garçõete. Todas as minina de roupa, assim... de roupa de garçõete que era do azul e do vermelho. Aí cada... Tinha aquelas partes, sabe? Do azul e do vermelho. Ela se vestia. Uma da parte vermelha, outra parte azul. E era muito boa. Festa boa.*

E quando questionada sobre como a festa é atualmente, a entrevistada declara:

*Eu não sei te dizer porque eu nem fui e parece que as festas não é mais a mesma, mais como era, né? [...] Agora, toda noite, durante esse tempo, tão rezando, tão celebrando missa. Os padres vêm de fora, vêm padres de fora, vêm com daqui, e foi. É, não é mais como antigamente. É, não, não. Acabou tudo. Ah, bem diferente. Antes era muito animado, muito animado, mas hoje não.*

A colaboradora C, por sua vez, ao ser perguntada se conhecia a festa afirma que:

*Toda vida teve, viu? Toda vida, derna, quando eu vim pra aqui, era uma época de muita pobreza, entendeu fia? O povo não tinha as posses que tem hoje, porque o povo diz que ninguém tem nada, mas tem. Hoje o povo gosta e tem as coisas, porque hoje o padrão de vida se torna melhor. Antigamente era muita, muita pobreza, mas toda a vida teve essa festa [...] a padroeira daqui é Nossa Senhora da Conceição, mas toda vida teve a festa de Nossa Senhora do Rosário, teve a festa Nossa Senhora da Conceição, que é em... dezembro. Toda vida teve e a de São Sebastião, dia 20 de janeiro.*

A entrevistada não deu mais detalhes sobre a Festa do Rosário, porém nessa declaração ela cita três festas religiosas da cidade do Ingá (PB), mencionando a Festa de São Sebastião antes mesmo de ser perguntada a respeito dela. A partir disso, percebe-se que essa comemoração ficou gravada no calendário de festas religiosas lembradas pelas pessoas mais idosas, ainda que hoje não seja mais realizada.

As colaboradoras B e C não relataram suas experiências na festa com muitos detalhes. Em suas falas elas externaram mais os sentimentos relacionados àquele período e cada uma a partir de uma perspectiva. Enquanto a colaboradora B lembrava da festa como um período de muita animação e alegria, a colaboradora C teve sua lembrança marcada pelo período de pobreza que ocorria na mesma época. Assim, conforme Halbwachs (1990) a memória individual da entrevistada B está em diálogo com a memória de um grupo, por ter lembrado que um traço forte da festa era a animação, característica relatada também por outros entrevistados. Já as memórias da entrevistada C se manifestam dentro dos limites individuais devido ao contexto em que se encontrava na época e que foi mais forte em suas lembranças.

A colaboradora D iniciou destacando a volta da comemoração de Nossa Senhora do Rosário, mas recordando que também trazia o parque, em que era proprietária, para a festa muitos anos atrás. Além disso, ela mencionou pavilhão. Aqui percebe-se que a tradição deste ficou gravada na memória coletiva (Halbwachs, 1990) das pessoas com mais idade que frequentaram a festa.

Ela continua o depoimento afirmando que a mudança que percebeu, depois da volta da festa, é a substituição do pavilhão pelas barracas de comida e a diminuição da circulação de pessoas.

A colaboradora E é de uma faixa etária distinta das demais, já acima mencionadas, pois tem a idade de 21 anos, enquanto as outras colaboradoras têm idades entre 58 e 73 anos. No entanto, a colaboradora E ainda alcançou a festa antes do período de suspensão que aconteceu a partir de 2008. Relata que:

*[...]eu lembro que era uma festa muito grande, que mobilizava muito todo mundo. E que eu acho que depois da festa de maio, era a festa que todo mundo ficava muito ansioso para acontecer, né? E que tinha uma mobilização muito grande do pessoal da igreja. E não somente pela parte da tradição religiosa, mas porque vinha muito gente de fora, tinha parque. E não era somente os que tem hoje, porque a gente sabe que a festa está acontecendo hoje. Mas tinha uma diversidade maior e não era tudo concentrado num ponto só, isso eu lembro. Ele era tipo... variado por diversos pontos, tanto da praça como de frente da igreja, pra mim essa, essa ... a memória mais fresca era a da parte externa da igreja. As celebrações eu era pequena, então era quase que a mesma coisa e não surtia tanto efeito. Mas a parte externa das comemorações, isso é muito mais vívido, acho.*

A entrevistada ainda comenta sobre as lembranças que tem dos festejos do Rosário:

*Eu lembro que... tinha muita coisa de ter, tipo... fazia... gente que vinha e ficava tocando e... cantando música fora, assim. Não era, tipo, um show. Mas eu acho que tinha isso. Aí tinha muita gente que vendia eh... brinquedo, mas aquele brinquedo colorido e gosmento e enfim... tinha umas coisas. Tinha muita gente que vendia esses adereços. A questão dos parques eu lembro que concentrava tanto do lado da prefeitura, que hoje é praticamente esquecido, aquele lado, quando tem essas concentrações da praça, como a parte lateral, por trás de onde ficam as barracas hoje. Não tinha... não me lembro muito de ter esse momento que fechava a rua, por exemplo, era uma festa, mais como posso dizer? Eu acho que a festa se moldava ao cenário e hoje em dia o que eu vejo é que a comunidade, todas as pessoas que têm que se moldar para a festa, porque a gente vê que o que acontece hoje, a praça está interditada, não passa. Isso é uma coisa que ninguém contesta porque já está todo mundo muito acostumado. A gente se readapta àquilo e antigamente não. Antigamente a festa se concentrava e acontecia ao tempo que as coisas na cidade também aconteciam.*

Ao ser perguntada sobre como a festa acontecia antes e como acontece agora, ela pontua:

*Primeiro eu acho que, isso que eu acabei de falar, do espaço, o tempo e tal. E eu acho que no sentido, a parte religiosa, eu acho que ficou muito esmurecida durante muito tempo porque... é como se a coisa mais importante fosse de fato a parte profana. Os parques e o brilho e... Enfim, todo mundo vê a parte visual que é aquilo, e aquilo é mais importante. Hoje... e... não a parte religiosa em si. Que antigamente era muito mais presente. Essa questão de vir parques e tudo mais, era só um complemento*

*para a festa, e hoje em dia a festa é aquilo. A parte religiosa virou coadjuvante, e eu acho que é isso, porque ficou (inaudível) por muito tempo, então deu pra dar uma esmurecida.*

A colaboradora aqui afirma que percebe uma certa espetacularização na realização da festa atualmente. Sobre isso, Lott (2021) afirma que é preciso ter cuidado, pois existe uma proximidade grande entre a valorização e a espetacularização. É necessário ter cautela para não transformar os elementos culturais em objetos a serem consumidos por espectadores.

Quando indagada se imaginava o porquê da festa ter sido suspensa, responde:

*Eu acredito que sejam questões internas e falta de tato da parte mais burocrática da coisa, porque eu sei que tem a questão de se manter uma tradição. E o que acontece na igreja, assim que eu sei por alto, é que ocorrem essas trocas paroquiais de padres, e antigamente se tinha uma direção que era, vamos dizer, mais empenhada, que era mais forte, que era mais presente na comunidade. Eu lembro, inclusive, de alguns nomes, enfim, mas, por exemplo, é... o Antigo Padre, ele sempre foi muito envolvido com o pessoal da comunidade da igreja. E de dentro e de fora da igreja, que inclusive ele participava de muitas coisas da vida profana e tudo mais. Então ele tinha um tato muito mais fácil com... tanto as pessoas da igreja, pra fazer essa mobilização do pessoal que vai incorporar essa festa, como com a parte da infraestrutura que seria o pessoal da prefeitura. Porque eu acredito que pra festa acontecer nessa magnitude, é uma questão conjunta da prefeitura com o pessoal da igreja, pra juntar justamente a festa do sagrado e do profano. Então, eu acredito que não teve um pulso firme, um direcionamento adequado. Essa pessoa, as pessoas que estavam responsáveis durante esse tempo, acho que elas não tinham esse molejo, vamos dizer assim, pra intermediar essas relações e fazer com que isso acontecesse, o que gerou, resultou nesse esquecimento.*

A entrevistada pontuou que a parte religiosa atualmente está ofuscada pela parte profana e isso se deve ao tempo em que a festa passou sem acontecer. Ela ainda observa ser necessário ter o equilíbrio entre as partes profanas e sagradas, para não correr o risco de descaracterizar a festa, em uma situação em que o aspecto profano ofuscasse o sagrado ou o sagrado ofuscasse o profano.

Outro ponto que chama a atenção nesse depoimento é a menção ao Antigo Padre, descrito com uma facilidade em mobilizar a comunidade religiosa e civil, no entanto, mesmo assim foi o responsável por suprimir o evento. O que corrobora para a ideia de que ele realizou uma interpretação equivocada da parte profana da festa, no sentido de desconsiderar a questão cultural envolvida.

Também é possível supor que a entrevistada não sabia ser o referido pároco responsável por retirar a parte profana da festa, pois ao final do relato ela transparece em sua fala que as pessoas que estiveram na administração da igreja no período em que a festa foi suspensa não são as mesmas que estavam juntos na administração do Antigo Padre. Indo, assim, em contrapartida aos outros depoimentos. Isto pode estar relacionado ao fato dessa colaboradora ser a mais jovem dos entrevistados.

O colaborador F, por sua vez, relata que suas primeiras lembranças também são da infância:

*As primeiras lembranças aí são de quando eu era criança ainda, mais ou menos 20 anos atrás, ou mais. Eu tinha 7, 8 anos aí com a minha mãe e com o meu irmão, e a gente assistia à missa e depois participava também*

*dos parques, das quermesses que tinha, dos leilões, e depois ia brincar nos parques e tal. É uma lembrança mais... que eu tenho mais do que da festa do Sebastião.*

Esse colaborador também alcançou uma época diferente das outras entrevistadas, pois tem a idade de 32 anos. Sobre as diferenças que ele percebe entre a época de quando era criança para o evento atualmente, afirma:

*Bom, as diferenças é que hoje tem algo mais, como eu posso dizer, mais assim de espetáculo e tal. Tem os shows, tem o palco montado para as missas, tem os parques mais modernos, só mais essa questão da modernização. Essa questão da modernização, que hoje é mais do que na época que eu era criança, que eu tenho mais lembrança. Que os brinquedos eram mais atrasados e tal, e não tinha tanta...a missa era dentro da igreja, não era fora, não era campal. E não tinha tanta...como eu posso dizer... sofisticação como é hoje. Hoje é mais elaborado, mais sofisticado, só essa questão da modernização mesmo. Acho que a essência da festa ainda permanece, ainda permanece. E até houve um resgate, porque como eu falei, passaram alguns anos como se fosse esquecida, não tinha mais, passava assim, só tinha a procissão mesmo e pronto, não tinha tanta importância como tem hoje. Hoje voltou a importância a alguns...depois que o Novo Padre assumiu que teve essa volta, esse retorno ao que era antes, ou pelo menos parecido com o que era antes.*

Em relação ao espaço de tempo em que o evento ficou sem acontecer, declara:

*Acho que houve essa quebra porque um antigo padre, (...) que hoje é até padre de Itatuba, muito querido também pela população de Ingá, mas ele viu que o que tinha mais importância era a festa da Padroeira mesmo, Nossa Senhora da Conceição. E como a Senhora do Rosário é uma copadroeira, uma Padroeira mais antiga, aí ele não deu tanta importância, ele achou que não teria tanta importância, aí acabou com a festa do Rosário e focou mais na festa de Nossa Senhora da Conceição, é até em dezembro. Então acho que por isso que houve essa pausa, essa quebra aí de sequência que tinha.*

Dessa forma, percebe-se que o pároco resolveu suprimir a Festa do Rosário também para dar destaque à padroeira, pois esta última não é tão celebrada como Nossa Senhora do Rosário na cidade, chegando ao ponto de que muitas pessoas não saibam que Nossa Senhora da Conceição é a padroeira oficial do Ingá. E para colocar a celebração desta santa em evidência, resolveu suprimir os festejos da copadroeira. Além do entendimento, por parte dele, de que a festa ficou atrelada muito fortemente à parte profana. Essas são questões válidas para a igreja, mas que poderiam ter sido resolvidas com estudos e debates, sem haver a necessidade de abandonar o traço cultural já estabelecido.

A colaboradora G é professora de História do Ingá, porém não é habitante da cidade. Quando perguntada sobre a festa responde:

*Da festa em si, eu conheço muito pouco, porque assim, eu acho assim que quando o tema é de interesse, a gente se aprofunda, a gente busca, né? Mas assim, quando eu era aluna na UFCG, eu fiz um trabalho eh... sobre religiosidade. Eu pude entrevistar algumas pessoas da igreja de Nossa Senhora das Dores. Então assim o que ficou claro no meu trabalho lá é que na adolescência as pessoas da comunidade, eles eram muito participativos em que eles eh... Tem quem passa o ano esperando aquela data, né? Naquela data, a semana inteira tem as celebrações, né? Tem quermesses*

*ainda nas igrejas pra colaborar com alguma eh... alguma obra, né? A igreja também eh... tem uma... tem um trabalho assistencial pras comunidades mais carentes, né? Então assim, de repente é uma festa também cultural e social, também além do ponto de vista religioso e também eu creio que aqui não é diferente. Acontece da mesma forma.*

Nesse trecho do depoimento, a entrevistada reconhece que não conhece muito a respeito da festa em questão, porém através de uma experiência anterior com festas religiosas deduz os rituais que acontecem durante a Festa do Rosário. Além disso, cita que a festa faz parte de aspectos culturais e sociais da comunidade. E quando foi levantada a questão dos materiais disponíveis para as aulas de história do Ingá, ela diz:

[...] eu acho assim que o professor ele é sempre um pesquisador, né? Ele tem que tá em busca e isso não é um clichê, isso é verdade. Depois que a gente tem um aluno em sala, a gente tem um desafio pra lecionar, que não importa onde eu moro, quem eu sou, se eu sou da cidade ou não sou, se eu conheço ou não, eu tenho que buscar, né? Eh... como professora mesmo assim da área de história, eu vejo a igreja como um lugar de pesquisa também. A igreja tem seus arquivos, tem documentos [...]

Aí o acesso vai depender das buscas dessas pessoas, né? Que está interessada em pesquisar e tem isso, né? Mas a outra pergunta que está atrelada aqui primeiro é como é que eu me viro lá na sala de aula, né? Aí aqui no Ingá tem uma tem uma equipe de pesquisadores que lançaram um o livro; o livro ele é uma coletânea envolvendo vários autores com os TCCs que eles escreveram né? E quem coordena esse trabalho é Alexandre Ferreira<sup>4</sup> e o livro de Alexandre eu considero um clássico. Eh.. o primeiro capítulo que ele abre o livro assim eh... com as coisas bem específicas do município, as básicas as informações mais básicas e os outros autores eles vão mostrar outros temas pertinentes a história do município. Então esse livro tem sido muito útil e na medida do possível tenho adaptado para os alunos, né? Já levei ao conhecimento deles que isso aqui é uma terra de escritores e que tem muita coisa escrito sobre o Ingá que a gente não tem conhecimento mas existe né? Os professores estão aí lançando livros e que isso é uma fonte a partir desse livro a gente pode ter nossas ideias que ainda não foram feitas talvez ou que a gente até não conheça então é esse material que eu uso.

Ademais, a colaboradora relatou que lança mão de outros recursos didáticos, como por exemplo, entrevistas, desenhos, legendas e produções de textos nos quais os alunos possam dizer o que gostam ou não na cidade e o que precisa ser melhorado, entre outros. Assim, busca trabalhar com métodos que estimulem os alunos a se envolverem com a história da cidade e se reconhecerem na cultura de sua terra.

A colaboradora H também é professora de História do Ingá, porém é habitante da cidade. Ela recorda que:

*A Festa do Rosário, ela é lembrada desde a infância né? Da nossa...da nossa infância mesmo. Eu morava no sítio, na época, e todo mês de outubro, quando chegava o mês de outubro, as pessoas falavam, eita! é o mês da festa. Nem se reportava a questão da festa do rosário, mas era da festa de outubro. E para as crianças, o que valia eram os parques, né? Então, a minha lembrança era essa, a festa de outubro. Então, minha mãe se organizava para comprar roupa para mim, para os meus irmãos. E assim, a gente tinha aquela expectativa de vir pra cidade, que a gente chamava*

---

<sup>4</sup> Graduado em História pela UFCG e autor referência sobre História do Ingá

*rua. Quem morava no sítio, vamos pra rua, pra festa de outubro. Então, a minha lembrança de infância era essa. E quando me tornei adulta, que casei, a mesma... essa mesma mentalidade ainda se tinha que eu criei meu filho, que o meu filho mais velho hoje tem 24 anos. Ele ainda pegou a famosa festa de outubro nos seus 2, 3, 4, 5 anos, até uma boa idade, né? Ele pegou a festa de outubro e também eu passei essa mensagem pra ele. Não, a gente não tinha essa forma de dizer A Festa do Rosário, era passada pra toda a sociedade A Festa de Outubro. Então, meu filho também criou com essa mentalidade da festa de outubro, de ir pro parquinho, na roda gigante. Essa é a imagem que eu tenho [...] E eu lembro que quando eu participava da igreja católica, a gente participava das missas na igreja central. Eu não tenho recordação da igreja do Rosário, não. Então, era muito parque, era a roda gigante, eram as canoas, o mais famoso eram as canoas. A canoa e vários parques que vinham nessa época.*

Nesse trecho, é possível observar que o ritual para participar da festa começava antes mesmo da família dela sair de casa. Era feita uma preparação e criada toda uma expectativa. Para Martins (2002), o ritual é uma forma de aderir a símbolos através de ações significativas que tenham um sentido especial em contextos específicos. Assim, através dessa preparação especial realizada pela família ainda em casa, era realizado um processo de ritualização o qual marcava a atuação daqueles indivíduos como seres sociais, tendo a continuidade desse processo durante a festa. Além disso, também se verifica a questão da preservação da tradição já que ela passou ao filho mais velho.

Perguntada sobre o período em que a festa ficou sem ser realizada, ela respondeu:

*Pelo que eu li, pelos estudos e pelo estudo que o colega professor Alexandre, que é professor de história também, ele fez o levantamento. A gente fez conhecer que o Antigo Padre, na época quando veio ser pároco aqui da cidade, ele levantou toda uma história e descobriu, vamos dizer assim, que a festa de outubro é a festa do Rosário. Foi ele que acho que foi um dos primeiros que trouxe à sociedade essa lembrança. Então, acabou essa festa, digamos assim, não acabou da forma que era tradicional. Acabou de uma forma que levou todas as... como é que eu posso dizer? A parte religiosa, a missa que eles têm, levou para a Igreja do Rosário, não ficou mais na Igreja Nossa Senhora da Conceição, a Igreja Central. Então assim, ele acabou, ele não quis mais comemorar a festa de outubro da maneira que era há 200 anos, foram dois séculos de festa, né? É o que a gente tem contando na história. Então ele como que eliminou, foi uma coisa muito rápida, muito brusca para a sociedade. Parece que ficou um período que não veio mais parque, não teve mais nenhum atrativo para as pessoas e sim, só a parte religiosa lá na igreja do Rosário.*

*Transferiu tudo pra igreja do Rosário, realmente fez jus ao nome. Toda a cerimônia foi feita na igreja do Rosário, mas parque não. Aí houve essa ruptura, essa quebra aonde a juventude de hoje, no caso minha filha que tem 13 anos, ela não tem. Ela não tem essa vivência, ela não tem esse conhecimento, ela não vai ter isso pra memória dela no futuro, porque foi justamente nesse período aí que houve. Ela não tem essa lembrança.*

A colaboradora destaca que o Antigo Padre conseguiu levar a cerimônia para a igreja de Nossa Senhora do Rosário, lugar adequado para as cerimônias já que a festa é em sua homenagem. Desde então, a parte religiosa acontece lá.

Quando questionada se acredita que seria possível o retorno desse evento como acontecia antigamente e como acontece atualmente, afirma que:

*Não, não acredito, não. Até porque acho que deu. Como eu me tornei evangélica já há 13 anos, que é a idade da minha filha, aí eu perdi um pouco a vivência dessas festas religiosas do catolicismo. Aí eu não tô recordando agora quando é que voltou o parque. Houve um tempo sem os parques virem, eu lembro demais. Agora quando veio o retorno, eu não sei se foi em questão de cinco anos, três anos pra trás agora. Aí eu sei que esse ano, nós tivemos... eu tô lembrada que nós tivemos na cidade, a gente passando pelo centro da cidade, eu vi e vi que voltou, mas aquele brilho, aquela forma das pessoas comemorarem, não, eu acredito que não é a mesma e nem será, até porque a cultura religiosa continua, mas assim, os jovens, as crianças não tiveram aquela vivência E as crianças de hoje não têm a mesma, vamos dizer assim, a memória dos pais, dos irmãos, dos familiares. Estão esquecidos. Então, pra eles, assim como que parou no tempo, ficou com as pessoas de seus 40 anos pra trás, entendeu? De 40, 50 anos aqui tem essa vivência, né? Aí não, pra mim não é a mesma de jeito nenhum.*

*Pelo que eu vejo, como eu não estou participando mais, mas pelo olhar de cidadã mesmo, o que eu percebo é que o brilho não tem mais. Antes, as pessoas tinham um calendário específico. É como um Natal, um ano novo, um São João. É questão realmente cultural mesmo, de tradição. Existia antes a tradição, mas agora não tem mais tradição. É um parque que vem no mês de outubro, não se tem a mesma linguagem de que era antigamente, que as pessoas compravam roupas específicas, calçados específicos para ir para aquela festa, porque era uma festa de tradição mesmo, mas hoje não é visto mais assim não.*

Nesse comentário a entrevistada destaca que a geração mais jovem não tem essa vivência e não vão ter memórias e lembranças da comemoração do Rosário relacionados a como o evento acontecia antes. Segundo ela, a cultura religiosa continua, porém a geração mais nova não teve contato com as memórias e a vivência daqueles que vivenciaram o auge da festa.

## **5.2. Do apogeu ao esquecimento: vislumbrando a Festa de São Sebastião através das memórias dos ingaenses**

A Festa de São Sebastião é uma comemoração ao santo católico, e era realizada durante o mês de Janeiro, contando com a presença de parques de diversão, de forma semelhante ao que acontecia nos festejos do Rosário, mas sendo mantida em um local diferente. No entanto, foi se enfraquecendo ao longo dos anos. Não foi possível se ter acesso a nenhum documento que remonte a sua origem ou resgistrasse, ainda que brevemente, como se dava a organização e realização dela. Assim, essa investigação se dará apenas a partir das vozes dos entrevistados: investigaremos como acontecia a festa e também o que causou o enfraquecimento e a consequente supressão dessa comemoração.

A colaboradora A relatou que essa comemoração acontecia de forma semelhante à do Rosário, porém em uma localidade diferente pois era perto da capela de São Sebastião:

*A festa de São Sebastião era quase o mesmo estilo da... do Rosário. Tinha parque, tinha a parte da novena, que passava a semana rezando e tinha o dia D que era o dia da festa. Aí acontecia ali na Rua Aberta, entrando para o Emboca. A Rua Aberta é a Rua Cleto Campelo. E na entrada do Emboca tinha um espaço que arrumava até lá na frente do Emboca. Outros arrumavam do lado da... ali na beira da pista, na frente da casa do povo. A roda gigante ficava ali no Emboca, fechava o Emboca. Era, ali. Ficava tudo*

*ali.[...] Tinha os parques, tinham... a banda ali embaixo. Na festa de São Sebastião eles botavam uma banda lá na sede do América, pra tocar. Que era pro povo dançar. E aí tinha os bailes lá que era pra arrecadar dinheiro pra igreja. E... assim, a festa era menor porque não tinha tanto espaço físico quanto lá em cima, né? Na festa do Rosário. Mas era uma festa animada também. Era uma festa também que todo mundo ia com as famílias. Todo mundo ia, se preparava pra ir pra festa. Na festa do São Sebastião. Era dia 20 de... Janeiro, o dia do São Sebastião Então, a festa, ela sempre... sempre era feita no sábado. Mesmo que... a data não... Não batesse mas era sempre no sábado e no domingo, o Dia da festa.*

Perguntada sobre a festa hoje e se imaginava o porquê da supressão dessa tradição, ela respondeu que:

*Ah... São Sebastião, acabaram a festa e só tem a parte religiosa né? O povo falava que sempre que tinha a festa de São Sebastião, sempre morria... acontecia alguma morte. Algum desastre. Aí...a última que teve, parece que foi... Lá no... Lá no... Lá no Emboca, uma mulher deu uma facada na sobrinha sem saber que era a sobrinha [...]. Outra vez, uma moça caiu da Canoa, do brinquedo no parque e morreu. Sempre acontecia algum desastre no dia da festa, mesmo que não fosse dentro da festa, mas as pessoas acabaram associando. Eu acho que é porque foi caindo a... a arrecadação, aí foi diminuindo e perdendo o interesse. Aí a festa mesmo foi extinta.*

Diante das afirmações, percebe-se que as pessoas associaram a festa a diferentes tragédias. Isso provocou uma evasão de público no evento o que acabou desestimulando a igreja a continuar promovendo essa festa, já que não havia mais um bom retorno financeiro devido a menor quantidade de frequentadores.

A colaboradora B compartilhou apenas algumas informações essenciais como o local e a semelhança com a Festa do Rosário. Acredita que a supressão aconteceu devido:

*Não sei se é porque as pessoas que eram mais animadas, se já morreram... Ah, que organizava as festas. Porque antes era muito organizado, mas muita gente que organizava a festa, deles morreram, outros não estão mais aqui, e assim, eles não ligam. Quem vive lá por dentro da..., das coisas mesmo, da... da igreja não se interessa, né? A festa era muito boa, um tempinho... Antes, né? Agora não tem quase nada.*

É interessante refletir que na fala da entrevistada atribui a descontinuidade da festa ao falecimento de pessoas que organizavam o evento da forma que era mas também faz uma observação em relação aqueles que ainda estão vivos e conhecerem o evento, no entanto, não tem mais interesse em promovê-lo. Dessa forma, se não houver o interesse de passar a tradição às gerações mais novas, a cultura pode ir se perdendo ao longo do tempo. O Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996) explica que a tradição tem haver com a transmissão às novas gerações de elementos importantes surgidos no passado que possuem valor incomum para o presente e o futuro. Entretanto, se não há esse compartilhamento de saberes, a tradição é perdida, pois não é possível preservar o que não se conhece.

A colaboradora C compartilhou que:

*Aquela festa... de São Sebastião era o povo tão fraquinho no mundo, os parque que vinha. Era aquelas canoas que no tempo a luz era muito*

*atrasada. Aí era aquelas lâmpadas amarelinhas, você lembra? Hoje não tem mais. Aí era umas canoa, um parquezinho, bem pequenininho, aí aquelas canoas. Só, somente dos pobres, tinha uma pequena, era o dono do parque.. duas pessoas sentavam lá e outra cá e empurrava, e a pessoa puxava numa corda, e sabe, tinha aquele carrocezinho bem velhinho, tinha aquela roda gigante, não era da grandona, mas tinha, entendeu?*

*Mas o povo era tão pobre no mundo. As mulher faziam aquelas barraquinhas pra vender. Uma fazia tapioca pra vender, outra botava pão, um cafezinho, outra aquelas cachaças pra aqueles homens, se quisessem, você entendeu como é que é? Tem gente que fazia a vasia de tiragosto, quem vendia aquelas bicadas pros homens, era um tiragosto que eles pagavam. Tinha um parque, que era assim... só aquele parquezinho bem fraquinho. E o pavilhão era do padre. O pavilhão era do padre. Aí lá naquele pavilhão, só quem entrava era aqueles povo mais de condição, entendeu? Que tomava uma cerveja, nesse tempo a cerveja era de garrafa, entendeu? Os Guaraná era de garrafa, tudo era naqueles tempos as coisas mais antigas.*

*Aí o que desce ali era aquele pavilhãozinho ali, é do padre, com aquelas bandejinhas, como é que chama? Bandeira, né? Bandeirinha, com as bandeirinhas no lado vermelho, lado azul, entendeu? Aí aquilo ali, o povo assava uma galinha, tinha a história de uma galinha assada, aí fazia um leilão, você vê falar nisso? Não, né? Sim, existia o leilão. Aí quem dava tanto, quem dava tanto, ia aquele povo sentado, quatro pessoas, numa mesinha com as cadeirinhas, tal. Aí, quando apurava aquilo ali, aquilo ali era do padre. Agora, se tinha comissão pra alguém que trabalhava, eu não sei te contar. Eu sei que era uma pobreza tão grande, já existia o povo fazendo cachorro quente pra vender. Era uma pobreza tão grande que mãe de família vinha simhora porque não podia dar um cachorro quente pro filho, não podia dar uma balinha nem nada, mas era uma pobreza muito grande. Mas eu ainda me lembro daquela festa São Sebastião.*

Ela ainda relembrou também das diversas brigas violentas que aconteciam durante esse evento. E quando perguntada do porquê da extinção da festa em sua parte profana, disse que não sabia, mas lembrava que era uma festa muito respeitada.

Ao longo do depoimento foi possível perceber que, de forma semelhante a Festa do Rosário, as memórias dessa colaboradora sobre a Festa de São Sebastião tem marcas do período de dificuldades e sofrimento, ou seja, as memórias tem a marca afetiva do sofrimento como postula Halbwachs (1990). Além disso, o relato da colaboradora está carregado de lembranças e detalhes, as quais descreve com propriedade, assim, conforme explica Bosi (1979), manifestando uma memória social bem desenvolvida devido a vasta experiência de vida que possui.

A colaboradora D relatou que era dona de um dos parques que vinham para a Festa de São Sebastião. Mencionou que a capela de São Sebastião foi construída em 1951, mas que tem memórias da festa a partir de 1970. Ela citou os leilões de alimentos e as procissões, os quais arrastavam muitas pessoas. Ela também atribuiu o fim da festa às tragédias ocorridas durante sua realização no passado e que não é possível retornar como era antigamente devido as mudanças ocorridas no local.

A entrevistada relatou que atualmente a comemoração de São Sebastião é feita apenas na parte religiosa, com o tríduo de São Sebastião<sup>5</sup> e algumas poucas barracas que vendem alguns lanches ao final das missas nesses três dias. A colaboradora utilizou a palavra Tradição para caracterizar, o que segundo ela, sobrou da festa, que seria o costume de decorar a imagem do santo e convidar

<sup>5</sup> Três noites seguidas em que são realizadas as missas em comemoração à São Sebastião

algumas pessoas para apadrinhar o evento. Esses dois últimos atos possuem profundidade simbólica com origem no passado da festa ( Dicionário do Pensamento Social do Século XX, 1996) sendo assim considerado parte da tradição como bem afirmou a entrevistada.

A colaboradora E relata que não tem lembranças da Festa de São Sebastião , mas se recorda de algumas celebrações religiosas mais recentes ocorridas no início do ano, acreditando ter presenciado algum resquício da comemoração quando criança. Relacionada, porém, apenas à parte religiosa, a festa em si ela não chegou a alcançar e afirmou estar tendo contato com essas informações pela primeira vez, a partir dessa entrevista. A entrevistada ainda comenta sobre o sumiço dessa comemoração:

*Eu imagino que a festa acabou por causa de uma extinção de ... assim de pessoas pra prosseguirem a tradição. Porque a gente vê que hoje as coisas estão muito modernas, principalmente na igreja. Modernas no sentido de aderir inclusive a outras formas de celebração, como por exemplo, antigamente se faziam os convites para a igreja, era anunciado, por exemplo, em carro e tal. E hoje em dia não acontece mais isso, hoje em dia, por exemplo, via Instagram, WhatsApp, ou seja a gente vê que a igreja segue esse fluxo da modernização. Então, eu acho que não teve pessoas suficientes para botar para frente essa tradição, porque como tu tá falando que é uma festa antiga, eu particularmente não lembro, as pessoas que...que encabeçavam ela eu acho que na linha do curso do tempo podem ter vindo a falecer e as pessoas não tinham interesse de aprender essa...essa prática, aí acaba que se perde, né? Não tem uma pessoa para dar prosseguimento...é prosseguimento a tradição.*

E indagada se acredita ser viável o retorno da festa, ela responde:

*Eu acho que sim, eu acho que pode ser ressuscitada porque eu acho que as coisas são muito efêmeras, mas também elas são... tão muito... num processo de... de como posso dizer? De se refazer muito fácil. Basta ter o interesse e o estudo de fato da tradição, de como ela ocorria, por que que ocorria, acho que principalmente nessas coisas religiosas, as pessoas incorporam muito fácil isso. Então eu acredito que levar em conta a história de quem que era o santo e tudo mais faz com que as pessoas incorporem esse espírito da religiosidade, da parte mais religiosa, eu acho que seria totalmente eh ... possível voltar a acontecer, porque eu acredito que ia reativar, inclusive, uma parte da lembrança das pessoas que vivenciaram isso, porque aqui na nossa comunidade, em Ingá, vamos colocar assim, tem muitas pessoas idosas e eu acredito que as pessoas idosas tiveram contato com essa festa. Então, eu acho que se voltasse a acontecer, isso ia reativar uma parte da memória delas para uma parte mais histórica, né?*

O colaborador F declara que a lembrança as quais possui da Festa de São Sebastião são poucas e lembra apenas de ter participado de algumas poucas procissões. Ele declara que :

*A lembrança que eu tenho é só que eu ia para a procissão. Não fui muitas vezes, fui poucas vezes para a procissão da festa de São Sebastião. Não fui muito, não participei muito dessa festa não. Eu lembro que foi em 2009. Acho que eu tinha 18 anos. É porque eu não acompanho muito a festa de São Sebastião é mais a do Rosário e a da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Só peguei desse período que é hoje só, os dias da novena e a procissão. Que era mais a festa que nem a do Rosário não, dessa comemoração, assim, mais elaborada, eu não sabia. Eu sempre pensei que fosse assim, desse jeito. Só uma comemoração só da novena, da procissão*

*e só religiosa. Essa comemoração mais, como o pessoal fala, mundana, eu não sabia não. Acho que pode ter acabado por causa que pode ser que tenha entrado algum padre, que não tenha dado prosseguimento a essa festa da forma que era, mas eu também não sei. Só um...*

O colaborador F assim como a colaboradora E não chegaram a vivenciar a Festa de São Sebastião na sua completude pois são de uma geração diferente. Eles presenciaram apenas alguns resquícios da parte religiosa. Também não tinham conhecimento, até o momento da entrevista, que essa comemoração possuiu uma parte profana. Mais uma vez a questão da transmissão da tradição se faz presente e se mostra necessária para manter a herança cultural deixada pelos antepassados.

A colaboradora G quando perguntada se já havia ensinado sobre a festa de São Sebastião em sala de aula responde: *“Eu não tratei assim, especificamente das festas porque quando eu trabalhei a questão cultural do município eu falei de todas as festas de um modo geral [...]”*. E ao se falar sobre a questão de materiais escritos que tratem do evento em debate, ela disse:

*Eh ... porque assim, eh... eu até nem sabia, né? Que tinha a festa de São Sebastião, realmente porque até a padroeira, né? Que é comemorada hoje é Nossa Senhora do Rosário, né? Então nunca pesquisei especificamente sobre isso [...]. O que tinha de fontes pra estudar sobre Ingá era o livro de Alexandre Ferreira que ele fala... trabalha especificamente com memórias já porque ele sente falta de muitas coisas que não tem e que ele recorre à memória porque ele tem muitas memórias de infância, das conversas com os avós dele e aí ele resgata muitas coisas do município, né? Que a gente eh... talvez não consiga ser visto hoje, o que ele trata no livro dele, né?*

A entrevistada ainda relata como foi receber a missão de lecionar a disciplina de História do Ingá:

*[...] Eu recebi com muito desafio ser professora do município, uma vez que eu sendo de outro município, eu não conhecia muito a história local daqui a não ser sobre as Itacoatiaras que são conhecidas não só no Brasil, mas no mundo né? Mas a gente sabe que no...depois foi que eu fui juntamente me surpreendendo junto com os meus alunos, que eles também por incrível que pareça moram aqui, mas não conhecem. Eu fiquei sabendo que é...as trilhas né? Que tem as rendeiras de Chã dos Pereiras que entra na questão cultural, nós temos o cruzeiro como um ponto turístico também. Eh...nós temos um patrimônio memorial pelo patrimônio histórico, material e imaterial muito vasto que quem chega no Ingá não consegue muito bem perceber e vai lá no sítio (arqueológico) e diz ah só tem o sítio. Não, tem muita coisa aqui nesse município que eu fui aprendendo eh...procurando pesquisar pra repassar pros alunos.*

Nisto é observado que nem mesmo os filhos da terra tem consciência do patrimônio histórico e cultural nela contido. Ela ainda faz uma colocação :

*Eh...com relação ao que vai sumir da história né? Do patrimônio histórico de uma cidade seja cultural ou seja só relacionada mesmo a monumentos e tal mas, assim eu acho que tudo aquilo que não é cultivado, reescrito, revisitado, ele tende a sumir mesmo. Seja uma festa, seja um ponto turístico que se não for cuidado pelos seus moradores, pelos guardiões, que eu digo aos alunos que os guardiões do patrimônio da cidade são vocês que são daqui embora ela pertence ao mundo né? Ela é... a cidade como um todo ela é um grande patrimônio a ser conservado mas a gente também só conserva quando a gente conhece né? Se não chegou pra essa geração*

mais nova essa festa, ela ficou no passado e precisa ser revisitada, recontada por alguém.

Nesse ponto da entrevista, a professora faz uma importante observação: é preciso visitar a partir das memórias, aquilo que tem valor histórico e cultural, pois através das lembranças é possível reconstituir uma sequência de atos em determinadas circunstâncias (Halbwachs, 1990). E não somente revisar, mas passar adiante para que as gerações mais jovens tenham conhecimento e possam tornar-se guardiões (como a entrevistada pontua) dessas tradições para quando tornarem-se a memória da sociedade, conforme destaca Bosi (1979), repassarem à posteridade. Desse modo, se estabelece uma tentativa de evitar o apagamento completo do patrimônio cultural, que no caso em discussão é a Festa de São Sebastião.

Quando questionada sobre o que acharia necessário para reativar a festa a professora responde:

*[...] as igrejas e essas tradições das procissões e dos... dos cultos ela surge do povo, é o próprio povo da cidade que conserva, né? E assim depois que o povo... o povo começa a participar, aí o município ele vem, se apropria daquele...daquele espaço pra fazer o que lhe compete. Eu falo assim pensando numa cidade turística, cidade que tem romarias e tal, porque nessas cidades que tem romaria a tradição é tão forte e o povo vai, né e participa e pela fé eles alcançam braços e tudo e aquele lugar começa a ser mais visitado. Então é o próprio povo quem faz com que uma tradição religiosa se mantenha no caso a festa de São Sebastião que quem sabe alguém sinta até falta né?*

Segundo a colaboradora, para que uma tradição permaneça é preciso ter o interesse, envolvimento e participação da população. A partir desta afirmação pode-se assimilar que as constantes tragédias ocorridas nesse festejo desestimulou a população a participar e com menor participação da comunidade, a comemoração foi enfraquecida. Aqui, se tem um exemplo claro de como o enfraquecimento da festa resulta também no enfraquecimento da coesão social, conforme afirma Durkheim (1989). Além disso, o desinteresse em não rememorar essa festa tende a fazer com que essa tradição desapareça.

A colaboradora H relatou não ter nenhuma lembrança da Festa de São Sebastião:

*Já da festa de São Sebastião, eu não tenho. Não tenho nenhuma lembrança. Eu não lembro que quando eu era criança, que minha mãe levava a gente pra ir pra essa festa. Eu não tenho lembrança alguma. Eu sei que a igreja fica no bairro da Senzala. É uma igreja pequena, né? Que tem alguns... Acredito que tem algumas cerimônias, mas lembrança de festa eu não tenho.*

E questionada se enquanto professora de História do Ingá, já havia tido contato com algum material escrito sobre essa festa, responde:

*Não, material escrito, não, só oral. Quando a gente vai falar de algumas festas tradicionais da cidade, aí um ou outro fala. Principalmente das festas religiosas. Vamos colocar assim. Quais as tradições das festas religiosas no município? Aí a gente vai resgatar a festa de outubro. Aí alguns alunos falam que a avó, até bisavô...bisavô de alguns, são ainda vivos, comenta da festa de São Sebastião. Mas documento, escrito, não. Eu, como professora, não encontrei ainda, não.*

Ela falou ainda sobre o motivo que pode ter levado ao apagamento da festa e se seria possível trazê-la de volta :

*Acho que também por questão de tradição. Pelo que eu vejo, não foi tão valorizada. Já a festa de outubro em si, a conhecida festa de outubro, foi bem valorizada. Mas já a de São Sebastião é como que não foi valorizada, não teve incentivo de levar essa tradição para frente. Então eu vejo a questão da desvalorização mesmo, cultural. Sim, pode ser sim. Dependendo do padre, das equipes da igreja, retomar a festa. Acredito que sim. Agora é tão esquecida que eu não sei se seria possível. A não ser que venha realmente um padre, que às vezes vai muito da devoção, até dos próprios padres. Acredito que se vier que tem uma devoção grande sobre esse santo, possa ser que sim. Mas é bem esquecida mesmo a festa.*

Para a entrevistada, essa comemoração se perdeu pela desvalorização, falta de incentivo e pelo desinteresse de darem prosseguimento a tradição. E acredita que, diante disso, não seja possível trazer a festa de volta, pois como afirma, é uma festa esquecida.

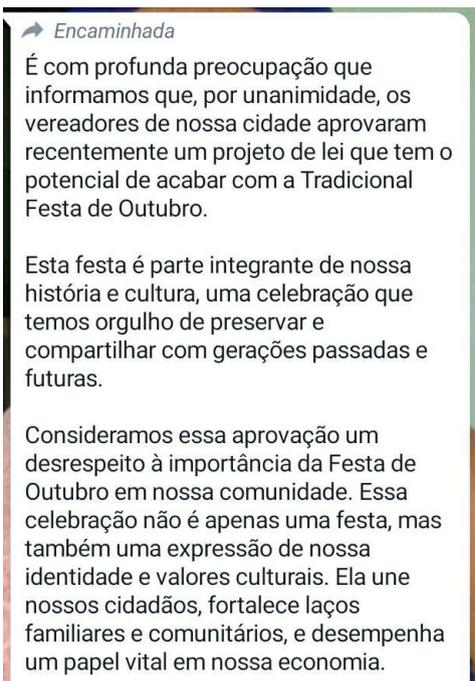
## **6 A TRADIÇÃO EM RISCO: O DESMANTELAMENTO DA FESTA DO ROSÁRIO ATRAVÉS DO PROJETO DE LEI MUNICIPAL Nº 24/2023**

No ano de 2023 a tradicional Festa do Rosário realizou-se entre os dias 28 de setembro e 08 de outubro. No entanto, no dia 03 de outubro do mesmo ano, os vereadores da Câmara Municipal de Ingá aprovaram, de forma unânime (aqueles que estavam presentes na sessão), o Projeto de Lei nº 24/2023 (Anexo A) o qual proíbe a obstrução da Rua Presidente João Pessoa, localizada no centro da cidade, por mais de 72 horas. Essa lei afeta diretamente a realização da festa porque é na referida rua em que os parques, barracas, quermesses e o palco onde são realizadas as missas e celebrações, portanto a maior concentração dos festejos. A aprovação de tal lei desencadeou reação imediata em grande parte dos ingaenses, causando alvoroço na cidade e revolta entre a comunidade católica, pois foi considerada um ataque à fé católica e à cultura local.

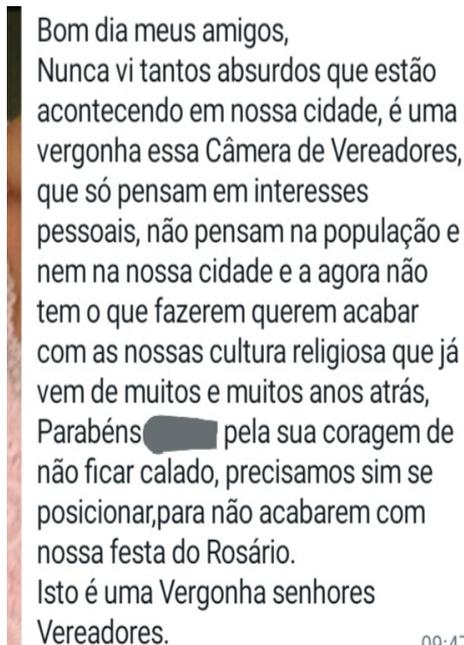
Diante disso, parte da população ingaense, bem como pesquisadores locais, professores e historiadores, mobilizaram-se nas redes sociais e dentro da cidade pedindo o veto dessa lei. Várias mensagens de textos foram compartilhadas e muitos posts foram publicados ressaltando a importância da festa, não apenas como comemoração religiosa, mas também evidenciando o valor cultural enquanto forma de preservar uma tradição centenária, além de seu valor econômico para a cidade já que contribui para aquecer o comércio local durante o período em que é realizada. Abaixo, encontram-se alguns *prints* dessas manifestações que circularam em um aplicativo de mensagens.

**Figura 4-** Print de manifestação contrária a aprovação da lei nº24/2023

**Figura 5-** Print da mensagem de um ingaense se manifestando contra o posicionamento dos vereadores



**Fonte:** (2023 / Outubro 06) Mensagem de WhatsApp para [Joyce]. Captura de tela de conversa no WhatsApp



09:47

**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. (2023/Novembro 09) Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa no WhatsApp.

Uma das publicações compartilhadas nos meios virtuais solicita às autoridades o veto da lei seguida da hashtag<sup>6</sup> #AtradiçãoDevePermanecer. Essa publicação foi compartilhada pela primeira vez no dia 08 de Outubro de 2023 e se tornou símbolo da reivindicação da população, sendo repostada diversas vezes durante vários dias.

**Figura 6-** Post reivindicando o veto da lei nº24/2023



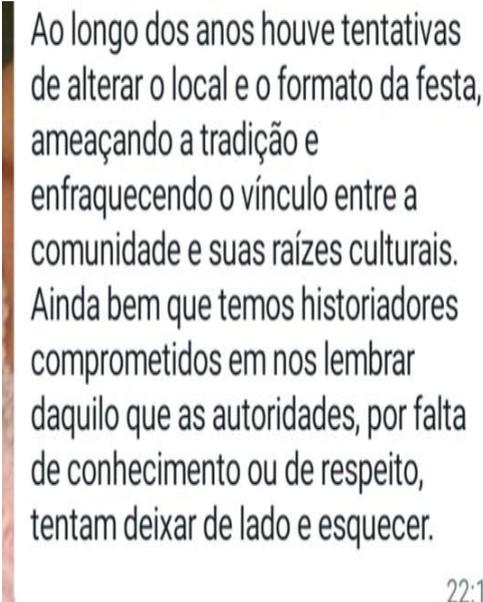
**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. (2023/Outubro 08) Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa no WhatsApp

<sup>6</sup> Palavra-chave antecedida pelo símbolo # (jogo da velha) utilizada para categorizar conteúdos nas redes sociais criando uma interação entre usuários interessados no respectivo assunto publicado.

Uma outra ação iniciada pela comunidade foi criar um grupo de WhatsApp intitulado “Canal do povo de Ingá”, no qual adicionaram como participantes membros da comunidade pastoral e paroquial, fiéis, bem como professores, historiadores e pessoas que não são do meio católico, mas que também apoiam a causa em função da ameaça iminente à identidade cultural da cidade. Esta pesquisadora é um desses cidadãos que foram adicionadas a esse grupo .

O “Canal do povo” é utilizado para trazer atualizações sobre o processo de tramitação da lei na Câmara Municipal . Para além dessa função, o grupo também foi criado com o intuito de seus integrantes compartilharem histórias vivenciadas por eles na Festa de Outubro, utilizando-se da memória como um meio de evidenciar a importância dessa tradição. Também são compartilhados indicações de materiais como livros, entrevistas , podcasts e matérias jornalísticas que discorrem sobre a importância da valorização cultural das tradições, as comemorações em homenagem a Nossa Senhora do Rosário em outros lugares do país, além do debate entre os historiadores do Ingá sobre o impacto e os riscos que a lei pode oferecer. Abaixo encontra-se dispostos um conjunto de alguns prints de postagens feitas entre os dias 12 e 14 de outubro de 2023.

**Figura 7-** Manifestação de integrante do grupo

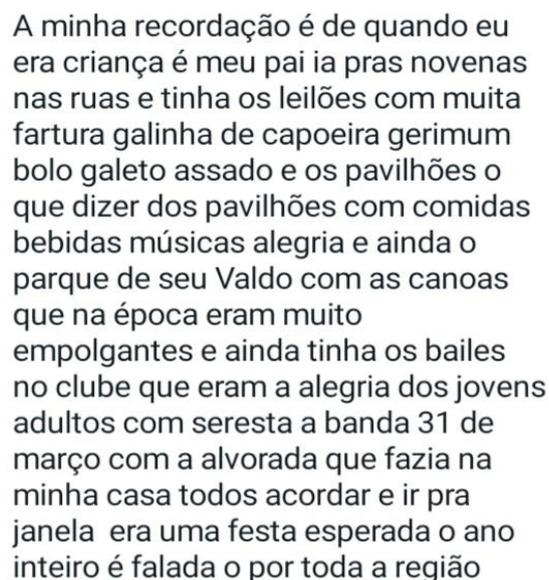


Ao longo dos anos houve tentativas de alterar o local e o formato da festa, ameaçando a tradição e enfraquecendo o vínculo entre a comunidade e suas raízes culturais. Ainda bem que temos historiadores comprometidos em nos lembrar daquilo que as autoridades, por falta de conhecimento ou de respeito, tentam deixar de lado e esquecer.

22:13

**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. ( 2023/ Outubro 14). Mensagem de WhatsApp para [ Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa do WhatsApp.

**Figura 8-** Relato de recordação de integrante do grupo

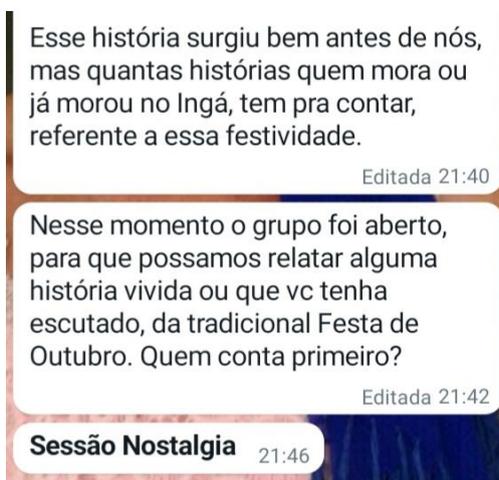


A minha recordação é de quando eu era criança é meu pai ia pras novenas nas ruas e tinha os leilões com muita fartura galinha de capoeira gerimum bolo galeto assado e os pavilhões o que dizer dos pavilhões com comidas bebidas músicas alegria e ainda o parque de seu Valdo com as canoas que na época eram muito empolgantes e ainda tinha os bailes no clube que eram a alegria dos jovens adultos com seresta a banda 31 de março com a alvorada que fazia na minha casa todos acordar e ir pra janela era uma festa esperada o ano inteiro é falada o por toda a região

Editada 21:59

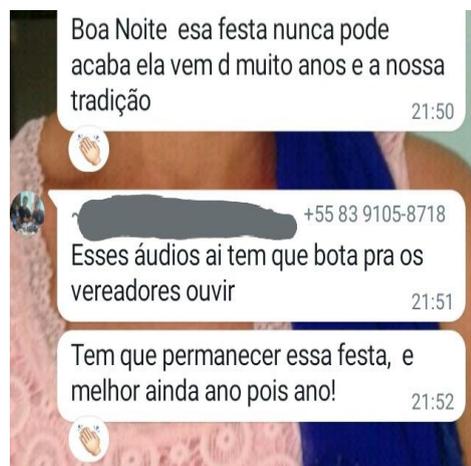
**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. ( 2023/ Outubro 12). Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa do WhatsApp.

**Figura 9** - Abertura da sessão nostalgia no grupo



**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. (2023/ Outubro 12). Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa do WhatsApp.

**Figura 10**- Manifestação de integrante do grupo.



**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. (2023/ Outubro 12). Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá]. Captura de tela de conversa do WhatsApp.

A justificativa do Poder Legislativo para a aprovação da lei está pautada na alegação de que a localização da estrutura da festa estaria atrapalhando a mobilidade urbana e o acesso a alguns serviços essenciais. Além de estar atendendo à reclamação de alguns comerciantes locais, os quais afirmam que a interdição da rua principal estaria prejudicando os seus comércios. Porém os líderes religiosos afirmam que durante os dias de realização da festa as ruas laterais à rua principal comportavam a movimentação do trânsito da cidade, além da justificativa de que os comerciantes poderiam ser beneficiados devido à movimentação econômica causada não só pelo aumento da circulação de pessoas que vão às celebrações, mas também as famílias que vão aos parques, situações potencializadoras de aumento do fluxo de comércio de alimentos e bebidas nas quermesses e barracas do próprio parque e em seu derredor.

O secretário paroquial e administrador do grupo “Canal do povo de Ingá” veiculou vídeos nos quais explica que a cidade não possui outro espaço que possa comportar toda a estrutura necessária para a realização da festa. Foi relatado que em anos anteriores a estrutura foi deslocada para outro lugar, o que gerou o enfraquecimento e posterior supressão da festa por alguns anos. Some-se a isso, o fato do Padre que assumiu a paróquia na época não dar a devida atenção a esta comemoração. Sobre este acontecimento, Ferreira (2017) registra que:

Sem se preocupar, ou mesmo procurar saber da importância cultural e identitária que representava a “Festa de Outubro” para o povo ingaense, o recém-chegado pároco Eivaldo Ferreira de Lima decide exterminar com parte do sentimento e da cultura de um povo, que fora construída a base de muito suor, lágrimas e alegrias. [...] no ano de 2008 , a festa deixou de contar como um dos eventos mais tradicionais do município ou da paróquia do Ingá . A festa do Rosário foi substituída por um tríduo, ou seja, três missas realizadas na própria igreja do Rosário. (Ferreira 2017, p. 180).

Ferreira (2017) ainda afirma que este posicionamento foi tomado por uma questão burocrática, já que Nossa Senhora do Rosário não é a padroeira do município e sim Nossa Senhora da Conceição. No entanto, ao longo dos anos, a copadroeira sempre teve um destaque maior e a sua comemoração tornou-se uma tradição. Entretanto, esse aspecto não foi levado em consideração e houve a supressão da festa durante muitos anos. Assim, mediante observação desses acontecimentos posteriores, surge a preocupação de que aconteça um novo apagamento da Festa de Outubro através do projeto de lei em questão.

Tratando-se da questão do espaço Durkheim afirma que, para além da questão logística, há valores humanos e subjetivos fortemente arraigados nas comunidades :

Por si mesmo ele não tem nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo, nem norte nem sul etc. Todas essas distinções derivam, evidentemente, do fato de valores afetivos diferentes terem sido atribuídos às regiões. E como todos os homens de uma mesma civilização possuem uma mesma representação do espaço, é necessário evidentemente, que esses valores afetivos e as distinções que deles dependem sejam igualmente comuns, o que implica, quase necessariamente, que são de origem social. (Durkheim, 1989, p. 40)

Assim, além da tradição cultural, o espaço em que se realizam as comemorações carrega o valor afetivo contido nas memórias coletivas da população ingaense.

Diante da grande repercussão do assunto e a decisão por parte das autoridades, há questões ainda sem respostas : o porquê do Poder Legislativo não ter se manifestado antes do início da festa e ter esperado seu início para trazer esse tema à tona, visto que o espaço em questão já havia sido utilizado da mesma forma em anos anteriores, porque não solicitou previamente uma reunião com o padre para discutir o assunto ao invés de lançar um projeto de lei; ou ainda o porquê não ter acionado a Secretaria de Mobilidade Urbana para intervir. Estas são questões postas, mas sem respostas.

Além das ações já citadas, os membros da paróquia iniciaram o recolhimento de assinaturas, através de abaixo assinado (Anexo B), no qual apresentam pontos que justificam a permanência da festa no local utilizado tradicionalmente, além de pontuarem caminhos a serem seguidos para as possíveis melhorias na mobilidade urbana e organização da festa.

O documento destaca a importância da Festa de Outubro como identidade cultural e tradicional da cidade, manifesta apoio aos comerciantes, e ainda solicita o envolvimento da prefeitura na logística urbana. Apresenta, ademais, as ruas transversais que podem ser usadas como passagem nos dias de interdição da rua principal.

Alguns vereadores, diante da reação negativa da população, retrataram-se e mudaram de opinião, passando a apoiar a permanência dos festejos no espaço que acontece atualmente. No entanto, outros permaneceram irredutíveis e resistem em até mesmo debater o assunto. Observando-se os acontecimentos, polêmicas e comportamento inadequado dos vereadores, que ao invés de ouvir a população protagonizaram cenas de agressão verbal contra a comunidade, foi possível verificar que o que estava em pauta não era a festa por si mesma, mas sim interesses políticos e pessoais de alguns dos componentes da Câmara Municipal do Ingá. Abaixo encontra-se uma mensagem veiculada no grupo “Canal do povo de Ingá”,

mostrando a dificuldade para se estabelecer um diálogo com os alguns membros do Legislativo Municipal.

**Figura 11-** Post denunciando a dificuldade em manter diálogo com os vereadores.



**Fonte:** Ingá, Canal do povo de. (2023/Outubro 08)  
Mensagem de WhatsApp para [Canal do povo de Ingá].  
Captura de tela de conversa no WhatsApp

**Quadro 3-**Transcrição de áudio da afirmação do proponente da lei, que circulava em aplicativo de mensagens.

“É... e a minha opinião que não feche essa avenida por mais de 72 horas. Eu continuo com minha opinião, eu continuo com o projeto. A avenida não pode ser fechada, na minha opinião, por mais de 72 horas e essa é uma opinião minha, própria, eu vou levá-la até o fim. “

**Fonte:** Nascimento, Joyce Souza. (2023/ Novembro 15). Transcrição do áudio.

Mesmo diante de toda a repercussão gerada pelo episódio, o prefeito da cidade demorou a se pronunciar sobre a situação e só agendou a primeira reunião com o padre no dia 01 de novembro. Nessa reunião, propôs a interdição parcial da Rua João Pessoa. No entanto a comunidade religiosa não considerou essa solução viável, pois prejudicaria a realização da festa também. Assim não chegaram a um consenso definitivo. Entretanto, o prefeito não se dispôs a continuar os debates e sem mais discussões, na sessão do dia 08 de novembro de 2023, vetou parcialmente o projeto, decretando que a Rua Presidente João Pessoa, nos dias da Festa do Rosário, poderia ser obstruída parcialmente das 06:00 até às 16:30, e após esse horário, a obstrução total da rua seria permitida a fim de que fosse possível realizar a Festa. Na decisão, ele justifica que a proposta relativa à mobilidade urbana é válida, mas reconhece a importância cultural da tradição em questão.

Assim, após diversas discussões sobre este tema, o que chama a atenção é a negativa dos Poderes Legislativo e Executivo em estabelecerem um diálogo real com a população do município e ainda mais tratando-se de um patrimônio cultural da cidade que preserva tradições e memórias, além de fortalecer a economia local.

## 7 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou ressignificar duas das festas religiosas tradicionais da

cidade de Ingá-PB através dos depoimentos de seus moradores. Foi possível observar que as festas fazem parte da cultura e identidade de um povo e quando se perdem tradições nelas contidas, também se perde uma parte da história local.

As entrevistas realizadas possibilitaram reacender a memória coletiva relacionadas a aspectos esquecidos da Festa do Rosário e trazer para evidência a Festa de São Sebastião que ao longo dos anos passou por um processo de apagamento. Além disso, foi possível verificar os sentimentos dos colaboradores relacionados às festas e às memórias destas. Cada um deles relatou as experiências vividas dentro das festas a partir da memória afetiva. Uns lembram da animação, outros da violência ou da manifestação clara das desigualdades sociais. E mesmo aqueles que não chegaram a ter um contato de fato com uma das festas reconhecem a importância de revisita-las, pois são constituintes da identidade cultural do povo ingaense.

Também verificou-se que diante de um projeto de lei como o nº 24/2023 é necessário haver cada vez mais o despertar e consciência crítica da população para as questões históricas e sociais, de forma que suas vozes sejam ouvidas e não permitam que o patrimônio cultural dessa cidade seja perdido por falta da compreensão e interpretações rasas das autoridades locais.

Deste modo, percebendo-se a importância de visitar as memórias e tradições como meio de preservar os aspectos culturais desta cidade. Espera-se, com efeito, em trabalhos posteriores, abordar outros pontos que não foram possíveis de serem discutidos.

## REFERÊNCIAS

- BERGAMASCO, Ceci Mara Spagolla; LEVANDOVISKY, Ana Rita. Festas e Escola: Entre o sagrado e o profano. In: **O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE**. Paraná: [s. n.], 2009. v. 1, p. 1-30.
- BITUN, Ricardo; SOUZA NETO, João Clemente de. Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno neopentecostal no Brasil. **Estudos de Religião**, [s. l.], v. 26, ed. 42, p. 63-82, 2012.
- BOSI, Ecléa. Memória - Sonho e memória- trabalho. In: BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao, 1979. cap. 1, p. 5-29
- CHIANCA, Luciana. QUADRILHA JUNINA E CIDADE, MERCADO DA OBRA. **Revista Mundaú**, [s. l.], ed. 5, p. 126-141, 2018
- DURKHEIM, Émile. Objeto da Pesquisa: Sociologia religiosa e teoria do conhecimento. In: DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 29-49.
- FERREIRA, Alexandre. **O gládio, o chicote e os gritos que não se ouviram da senzala: História e memória da escravidão na Vila do Ingá na segunda metade do século XIX**. Queimadas: Gráfica Cópias e Papéis copiadora, 2017. 248 p.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória individual. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. São Paulo: Vértice, 1990. cap. 1, p. 25-52.

IBGE. Censo-Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/inga/panorama> . Acesso em: 22 nov. 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. [S. l.: s. n.], 1950. p. 9-45.

LOTT, Wanessa Pires. As festas como patrimônio cultural: um caminho para a espetacularização?. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, ed. 2, p. 287-304, 2021.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, ed. 1, p. 118-128, 2002.

OUTHWAITE, William *et al.* **DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1996. 970 p.

**ANEXO A- PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº24/2023**



**ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE  
INGÁ**

**"Casa Luís José de Souza"**

CNPJ nº 12.920.252/0001-18 – CEP 58380-000

Rua João Pessoa, nº 01, Centro, Ingá - PB

**PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº /2023**

**PROÍBE A OBSTRUÇÃO DA RUA  
PRESIDENTE JOÃO PESSOA,  
CENTRO, INGÁ-PB POR MAIS  
DE 72 HORAS.**

**A CÂMARA MUNICIPAL DE INGÁ DECRETA:**

Artigo 1º: Fica proibida a obstrução da Rua Presidente João Pessoa, localizada no município de Ingá-PB, por um período superior a 72 horas consecutivas.

Artigo 2º: A obstrução da Rua Presidente João Pessoa, além de prejudicar o trânsito local, coloca em risco a segurança dos cidadãos, dificulta o acesso a serviços essenciais e pode causar transtornos significativos à comunidade.

Artigo 3º: Para os fins desta lei, considera-se obstrução qualquer ato que impeça ou restrinja substancialmente o tráfego normal de veículos e pedestres na Rua Presidente João Pessoa, incluindo, mas não se limitando a, estacionamento prolongado, bloqueio intencional e manifestações que impeçam o livre trânsito.

Artigo 4º: O Poder Executivo Municipal, em conjunto com o órgão de trânsito competente, será responsável por fiscalizar o cumprimento desta lei, aplicando as sanções cabíveis em caso de descumprimento.

Artigo 5º: Artigo 6º: As penalidades pelo descumprimento desta lei serão estabelecidas em regulamentação específica, sendo que, inicialmente, será aplicada uma multa no valor de mil reais (R\$ 1.000,00) por cada dia de obstrução da Rua Presidente João Pessoa. Além disso, poderão ser adotadas outras medidas necessárias para a desobstrução imediata da via, incluindo a remoção de veículos ou objetos que causem a obstrução.

Artigo 6º: Esta lei entrará em vigor na data de publicação.

Artigo 8º: Revogam-se as disposições em contrário.

**AILTON NUNES DE ANDRADE**  
Vereador Propositor



**ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE  
INGÁ**

**"Casa Luís José de Souza"**

CNPJ nº 12.920.252/0001-18 – CEP 58380-000  
Rua João Pessoa, nº 01, Centro, Ingá - PB

**JUSTIFICATIVA AO PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº**

A presente proposta de lei tem por objetivo primordial garantir a livre circulação de veículos e pedestres na Rua Presidente João Pessoa, uma das vias mais importantes do município de Ingá-PB. Esta rua desempenha um papel fundamental na infraestrutura urbana e no acesso a serviços públicos essenciais, incluindo o Fórum, a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a Secretaria de Saúde.

A obstrução prolongada desta via pública tem causado sérios transtornos à população local, afetando a mobilidade urbana, a segurança dos cidadãos e o acesso a serviços críticos. Diante desse contexto, torna-se imperativo estabelecer diretrizes legais para coibir a obstrução indevida da Rua Presidente João Pessoa.

Dentre os principais motivos para a aprovação deste projeto, destacamos:

1 - Preservação da Mobilidade Urbana: A Rua Presidente João Pessoa é um eixo viário essencial para o fluxo de veículos e pedestres na cidade, conectando bairros, regiões comerciais e instituições públicas. A obstrução prolongada prejudica a fluidez do tráfego, causando congestionamentos e atrasos.

2 - Acesso a Serviços Públicos: A via em questão é rota de acesso a instituições cruciais, como o Fórum, a UPA e a Secretaria de Saúde. A obstrução pode impedir ou dificultar o acesso de cidadãos a esses serviços, impactando negativamente a prestação de serviços públicos de saúde e judiciais.

3 - Segurança Pública: A obstrução da rua pode comprometer a segurança pública, dificultando o acesso de veículos de emergência, como ambulâncias e viaturas policiais, a locais de ocorrências críticas.

4 - Ordem Pública: A obstrução prolongada cria um ambiente propício para congestionamentos, conflitos e incidentes de trânsito, afetando a ordem pública e a segurança dos cidadãos.

Portanto, a aprovação deste projeto de lei visa aprimorar a qualidade de vida dos habitantes de Ingá, garantindo a fluidez do tráfego, o acesso a serviços públicos essenciais e a segurança nas vias públicas. Conto com o apoio dos nobres vereadores desta Casa Legislativa para a efetivação desta importante medida em benefício da comunidade local.

Ingá-PB, 03 de outubro de 2023.

**AILTON NUNES DE ANDRADE**  
Vereador Propositor

## **ANEXO B – PETIÇÃO PELA PERMANÊNCIA DA TRADICIONAL FESTA DE OUTUBRO EM SEU LOCAL ORIGINAL E COM MELHORIAS**

### **Petição pela Permanência da Tradicional Festa de Outubro em Seu Local Original e com melhorias**

**Ao Excelentíssimo Senhor Prefeito e aos Ilustríssimos Vereadores do Município de Ingá, Paraíba,**

Nós, cidadãos e apoiadores de nossa querida cidade, expressamos nossa preocupação e desejo pela preservação de nossa cultura e tradição, bem como pelo fortalecimento da Tradicional Festa de Outubro, um vento tão significativo em nossa história e identidade. Portanto, segue alguns pontos que exemplificam a importância da continuidade da nossa tradicional festa na rua Presidente João Pessoa, Centro, Ingá-PB:

#### **1. Local Tradicional**

Acreditamos que a essência da Festa de Outubro reside em seu original, onde gerações passaram momentos inesquecíveis. Desta forma, pedimos que a festa permaneça no mesmo local e durante 15 dias, com toda a sua estrutura de palcos para celebrações e apresentações culturais, pavilhões e parques.

#### **2. Organização do Trânsito**

Solicitamos encarecidamente que o poder público se envolva na organização do trânsito durante todo o período da festa. Pedimos que sejam incluídos agentes de trânsito para garantir a segurança e fluidez nas vias: R. Francisco Vargas, R. Pres. Getúlio Vargas e R. Virgolino de Souza Campos. Tornando o evento acessível e agradável para todos.

#### **3. Apoio aos Comerciantes**

Reconhecemos a importância de nossos comerciantes, sejam eles pequenos ou grandes, incluindo os ambulantes, que valorizam a vitalidade de nossa festa. Sendo assim, solicitamos que sejam disponibilizados espaços adequados para que eles possam oferecer seus produtos de maneira organizada e segura.

#### **4. Preservação Cultural**

A Festa de Outubro é um tesouro cultural que deve ser valorizado e preservado. Incentivamos a promoção de atividades culturais, como apresentações folclóricas, exposições e demonstrações de nossa rica herança cultural, de forma a manter viva a tradição que nos define como comunidade.